

# A ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA E O ESTUDO DOS SINTAGMAS SUGESTÕES METODOLÓGICAS

Carlos Mauricio da Cruz  
Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)  
cruzcm@uol.com.br

**RESUMO:** O ponto de partida para esta reflexão é a dificuldade que os alunos têm, de forma geral, nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, com os exercícios tradicionais de análise sintática do período simples. Dificuldade, aliás, acompanhada de um certo vazio, posto que tais exercícios não resultam, concreta e imediatamente, em ampliação de capacidade de expressão oral e escrita. Objetivando sanar as referidas dificuldades, serão feitas sugestões metodológicas para o trabalho com a morfossintaxe em sala de aula, a partir do estudo do sintagma como bloco de estruturação da frase.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise Morfossintática, sintagma, ensino de Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** The starting point for this reflection is the difficulty that students have, in general, in Portuguese language classes in elementary school, with traditional exercises parsing the simple period. Difficulty, indeed, accompanied by a certain emptiness, since such exercises do not work, concrete and immediately, in expanding capacity of oral and written expression. Aiming to remedy those difficulties, methodological suggestions are made to work with the morphosyntax in the classroom, from the study of syntagm as the block that structures the sentence.

**KEYWORDS:** morphosyntactic analysis, syntagm, education of Portuguese language.

## INTRODUÇÃO

Boa parte do esforço e do tempo empregados por professores e alunos do ensino fundamental se destina ao estudo da gramática, especificamente da análise sintática - aqui neste trabalho, tratada exclusivamente em relação ao período simples. O que se observa, normalmente, é uma complicada nomenclatura empregada em exercícios repetitivos e cansativos, sem levar em consideração os recursos expressivos para a estruturação do período. A pouca eficiência do modelo adotado pode ser confirmada pelo discurso corrente dos alunos que, ao fim de alguns anos estudando o mesmo assunto, ainda dizem ter inúmeras dúvidas e apresentam produção textual com construções truncadas e ineficientes face à necessidade de clareza de expressão.

Considerando que o texto constitui a unidade essencial de comunicação verbal e que a finalidade primeira do ensino de língua portuguesa é o crescente aumento da capacidade de o aluno produzir seus textos com propriedade na língua materna, a frase – como unidade responsável pela boa constituição linguística desses textos – retoma sua importância na prática pedagógica do estudo da sintaxe.

Tal estudo deve ir além de exercícios mecânicos com “inúmeros termos grifados”. Nessa perspectiva, o presente trabalho defende o reconhecimento e a decomposição dos sintagmas (constituintes imediatos das orações) como mecanismos produtivos de textos, conforme defende Inez Sautchuk na obra *Prática de morfossintaxe - Como e por que aprender análise (morfo)sintática*. Segundo a autora, o domínio da sintaxe é instrumento necessário para o próprio aperfeiçoamento de nossa capacidade de produzir textos.

## O EIXO SINTAGMÁTICO DA LÍNGUA

Saussure (1972) estabeleceu o termo sintagma para designar a combinação de elementos menores em uma unidade linguística maior. Dessa forma, cumpre-se o princípio linguístico universal de que nada funciona sozinho nas línguas. Para que as unidades linguísticas exerçam função significativa ou comunicativa, é preciso que se organizem ao menos em duas unidades. Assim, é necessário que se juntem um radical (urs-, por exemplo) e uma desinência (-a) para que tenhamos um vocábulo autônomo (ursa). Da mesma forma, em “re + fazer”, temos um prefixo aliado a um radical para a formação de outro vocábulo autônomo “refazer”.

Na verdade, tal princípio linguístico se repete para que se forme, por exemplo, o sintagma “a nossa vida”, a partir de um artigo somado a um pronome possessivo e a um núcleo substantivo. O mesmo se dá na formação de inúmeros outros sintagmas e textos curtos ou extensos. De acordo com Bussmann (1996, p.472), o sintagma é uma “Sequência sintática dotada de estrutura composta por elementos linguísticos e formada por segmentação de sons, palavras, ou mesmo frases completas”.

Nessa perspectiva, além de nada funcionar sozinho na língua, pode-se observar que sons, palavras ou frases constituem unidades que se definem em oposição a tantas outras que com elas mantenham a mesma função. É este outro princípio linguístico que justifica a possibilidade de se diferenciar *nossa* de *bossa*, *viver* de *vivemos*, *nossa* vida de *tua* vida, e assim por diante.

Na produção de quaisquer enunciados, o usuário da língua sempre articula duas atividades linguísticas básicas: uma, de escolher certa forma; outra, de relacionar essa forma com outra. É lícito, pois, dizer que o falante seleciona entre um conjunto de possibilidades de formas que ainda estão ausentes no discurso e relaciona aquelas que selecionou para que passem a figurar nesse arranjo linear em construção. A seleção, a escolha entre o repertório disponível, de certa forma, realiza-se em uma linha vertical que abarca todas as possibilidades: a tal conjunto de unidades em ausência no discurso é que chamamos de eixo paradigmático. Em contrapartida, ao arranjo que se vai estabelecendo, segundo leis de construção ou de relação da língua, com as unidades em presença no discurso, chamamos eixo sintagmático.

Entende Sautchuk que:

A SINTAXE (grifo da autora) é a parte da gramática que se preocupa com os padrões estruturais dos enunciados e com as relações recíprocas dos termos nas frases e das frases no discurso, enfim, com todas as relações que ocorrem entre as unidades linguísticas no eixo sintagmático (aquela linha horizontal imaginária). (SAUTCHUK, 2010, p. 43)

O eixo sintagmático a que se refere a autora corresponde, como dito anteriormente, à combinação que se vai criando entre as unidades linguísticas em presença no discurso mediante leis de construção da língua, formando uma linha horizontal imaginária. As leis sintáticas, portanto, garantem a inteligibilidade da superfície linguística de um texto, disciplinando as unidades que compõem suas frases, zelando pela própria capacidade comunicativa do texto.

De todas as relações que ocorrem no eixo sintagmático da língua, para o presente trabalho, serão focalizadas aquelas que se realizam entre palavras, gerando os sintagmas, e também aquelas que se realizam entre eles, gerando as orações.

Nesse momento, cumpre fazer distinção entre o que se considera frase o que se convencionou chamar de oração. Segundo Sautchuk (2010), a frase é qualquer unidade linguística de comunicação que se caracteriza por uma entoação típica da situação em que se realiza, podendo ser constituída de uma única palavra ou de enunciados mais complexos. A oração, por seu turno, é a frase que se presta a uma análise sintática de seus constituintes, fora de seu contexto, e que deve apresentar, explícita ou implicitamente, um núcleo verbal. Indispensável, pois, o verbo constitui o núcleo da oração.

Tomemos o seguinte exemplo:

- *Oi, tudo legal? (= frase)*
- *Tudinho. (= frase)*
- *Você está chegando agora? (= frase e oração)*
- *Sim. (= frase)*
- *O trânsito está bom na São Francisco? (= frase e oração)*

No diálogo criado acima, somente as frases que também são consideradas orações podem ser retiradas do contexto e, mesmo assim, destinar-se a uma análise sintática de seus elementos; somente as frases que constituem orações têm sobrevida, independentemente da situação.

## **A ESTRUTURA SINTAGMÁTICA DO PORTUGUÊS**

As unidades linguísticas, em suas possibilidades de combinação, seguem uma hierarquia em que morfemas formam palavras, as quais criam sintagmas, que dão origem a frases/orações, as quais formam o texto, como no esquema: morfema → palavra → sintagma → frase/oração → texto.

Dessa forma, são os sintagmas, e não as palavras, os constituintes imediatos das frases/orações. Como palavra, a unidade linguística presta-se a uma análise de seus elementos estruturais e uma denominação quanto à sua classificação gramatical. Tomemos como exemplo a palavra *pão*, que aparece nos dicionários classificada

morfologicamente como substantivo masculino. No eixo sintagmático, essa mesma palavra, entretanto, assume a condição de sintagma quando combinada com outra palavra ou com outro sintagma. Assim, *pão* será um sintagma nominal funcionando como sujeito em *pão fica mais caro amanhã* ou como complemento verbal em *partiu o pão sobre a mesa*.

Refletindo melhor o uso que o falante faz da língua, Sautchuk restringe o conceito de sintagma da seguinte maneira:

consideraremos SINTAGMA (grifo da autora) toda construção sintática que constitua um “bloco” significativo ou funcional que se pode “mover-se” no eixo horizontal. Esse “bloco” é formado a partir de uma ou mais unidades linguísticas do nível imediatamente inferior, ou seja, por palavra:

- Pertencentes ao arquivo aberto: *telefone*;
- Substitutiva: *ele*;
- Combinada com outra(s) do arquivo fechado ou do arquivo aberto: *meu telefone/meu telefone vermelho*. (SAUTCHUK, 2010, p. 48)

Diversas são, pois, as combinações de palavras na formação dos sintagmas, os quais serão formados por um só núcleo significativo – caso já exemplificado com *pão* – ou por ele e palavras periféricas como determinantes (artigos e certos pronomes, por exemplo) e/ou modificadores (adjetivos)/intensificadores (advérbios).

Essas unidades uninucleares ou grupais, ao assumirem inúmeros posicionamentos sintagmáticos no interior das orações, vão desempenhar as diversas funções sintáticas. Por isso é possível afirmar que os verdadeiros constituintes da oração são os sintagmas, visto que o usuário da língua não processa o enunciado oral ou escrito que produz ou recebe sílaba por sílaba, tampouco palavra por palavra; ele o faz por meio dos sintagmas, ou seja, os blocos significativos que podem, inclusive, mudar de posição no eixo sintagmático.

Observemos melhor o que foi afirmado, tomando o verbo como ponto de referência, no exemplo abaixo:

*/Os consumidores / **depositaram** / as compras / em sacolas recicláveis./*

1                      V                      2                      3

Sempre tomando o verbo como ponto de apoio, poderíamos ter as seguintes possibilidades de reorganização da oração:

- 3 + 2 + V + 1;
- 3 + V + 2 + 1;
- V + 3 + 2 + 1;
- 2 + 1 + 3 + V etc.

Todas as possibilidades apresentadas também nos permitem afirmar que existem “organizações” mais ou menos distantes de certo padrão linguístico a que os falantes da língua estão acostumados. Tal fato já antecipa parte daquilo que queremos provar: o reconhecimento dos sintagmas na ordenação da oração dá ao usuário da língua uma maior consciência de como pode tornar seu discurso mais ou menos direto/inteligível no ato de comunicação oral ou escrita.

### OS TIPOS DE SINTAGMA

O critério para a classificação dos sintagmas eleito por Sautchuk parte da natureza substantiva, adjetiva, verbal ou adverbial de seus núcleos ou da presença de preposição encabeçando sua composição, como veremos a seguir.

O sintagma nominal é aquele que tem como núcleo uma palavra de base morfológica substantiva, podendo vir tal núcleo acompanhado por determinantes e/ou modificadores nominais. Na ausência desses elementos circundantes, o sintagma pode ser constituído por uma só palavra substantiva ou substantivada, como pronomes retos (*ela, nós*) ou de outra natureza (*ninguém, algo, tudo* etc).

Dessa forma, as possibilidades de combinação são infinitas:

<i>Todo</i>		<i>com manteiga</i>
<i>Nenhum</i>	{ <i>pão</i> }	<i>caro demais</i>
<i>O novo</i>		<i>de forma</i>

Partindo do núcleo de base substantiva *pão*, poderíamos ter, por exemplo, os seguintes sintagmas nominais:

*todo pão com manteiga*  
*nenhum pão caro demais*  
*o novo pão de forma*

*nenhum pão de forma*

É importante observar como os modificadores do núcleo substantivo de um sintagma nominal podem ser, eles próprios, um sintagma adjetival (*caro demais*) ou um sintagma preposicionado (*com manteiga, de forma*).

O sintagma adjetival tem um adjetivo como núcleo e, da mesma forma que o sintagma nominal, pode ser constituído apenas por esse adjetivo ou estar acompanhado de outros elementos, como modificadores adverbiais, intensificadores ou até mesmo sintagmas preposicionados. Observemos abaixo:

- (1) *Essa manteiga revelou-se **surpreendentemente boa**. (modif. adv. + adj.)*
- (2) *O novo pão de forma é **caro demais**. (adj. + intens.)*
- (3) *Uma dieta hipocalórica pode ser **benéfica à saúde**. (adj. + sintag. prepos.)*

O sintagma preposicionado, por sua vez, é formado por *preposição + sintagma nominal*. Esse tipo de sintagma pode se articular a um substantivo – como *pão de forma* – a um adjetivo – como *benéfica à saúde* – ou a um verbo – como em (4) e (5), em *tonéis de madeira* e *do reconhecimento de estrangeiros*.

- (4) *A aguardente de qualidade envelhece **em tonéis de madeira**.*
- (5) *A culinária brasileira ainda carece **do reconhecimento de estrangeiros**.*

Em (4), na verdade, temos dois sintagmas preposicionados: *de qualidade* (que se articula com *aguardente*) e *em tonéis de madeira* (que se articula com o verbo *envelhece*). Internamente ao sintagma *em tonéis de madeira*, temos um outro SP *de madeira* (formado por *de + madeira*), articulado ao termo *tonéis*.

Em (5), podemos observar um primeiro SP *do reconhecimento de estrangeiros* (de + o reconhecimento de estrangeiros) e, internamente a este, *de estrangeiros* (de + estrangeiros). É lícito, pois, afirmarmos que os sintagmas podem se comportar como autônomos ou internos.

São considerados sintagmas autônomos aqueles que se movimentam sozinhos no eixo sintagmático, podendo ocupar diferentes posições nesse mesmo eixo sintagmático

e até mesmo ser constituídos de outros sintagmas internos. Estes, por seu turno, apresentam-se dentro de sintagmas autônomos e não apresentam mobilidade além do limite do próprio sintagma que os contém, uma vez que estão presos a algum componente desse sintagma.

Podemos, então, reconhecer como sintagmas internos em (4) *de qualidade* e *de madeira*, pois estão articulados aos termos antecedentes *aguardente* e *tonéis*, respectivamente, e são integrantes de outros sintagmas. O mesmo ocorre com *de estrangeiros* em (5), sintagma preso ao antecedente *reconhecimento* e integrante de um sintagma maior, no caso, *do reconhecimento de estrangeiros*.

Observemos como é possível perceber quando um sintagma é autônomo e quando ele é interno a outro sintagma. Se tomarmos a oração *Uma dieta hipocalórica pode ser muito benéfica à saúde* e dividirmos o sintagma *muito benéfica à saúde* em dois, tomando-os como autônomos, vejamos o que ocorrerá:

uma dieta hipocalórica pode ser } muito benéfica  
 } à saúde (?)

Podemos concluir que o sintagma *à saúde* não é autônomo, uma vez que não se articula como a forma verbal *pode ser*, gerando uma frase sem sentido, como *uma dieta hipocalórica pode ser à saúde*. O sintagma *à saúde* prende-se ao termo *benéfica* e é com ele que constitui o sintagma adjetival autônomo *muito benéfica à saúde*.

Vejamos, agora, o que ocorre com outra oração:

(6) *As uvas viníferas crescem mais saudáveis na Serra Gaúcha.*

Os dois sintagmas colocados à direita do verbo são considerados autônomos, já que se articulam de forma lógica com o verbo e podem-se deslocar livremente no eixo sintagmático.

*As uvas viníferas crescem } mais saudáveis  
 } na Serra Gaúcha*

Outro tipo de sintagma – o adverbial – é aquele que tem por núcleo um advérbio. Aliás, o advérbio sozinho pode constituir o sintagma adverbial (*tarde, rapidamente*) ou vir acompanhado por intensificador ( *muito tarde*) ou modificador (*lamentavelmente tarde*).

Importante ressaltar que Sautchuk lembra, nesse ponto, que funções adverbiais também são exercidas costumeiramente por sintagmas preposicionados, como em:

(7) *O inverno chegou tarde.*

(8) *O inverno chegou em julho.*

Cumprе salientar que a identificação e a classificação do sintagma preposicionado obedece a um critério estrutural, haja vista chamar-se assim a todo sintagma introduzido por preposição, mesmo quando apresente função adverbial. No presente trabalho, são considerados sintagmas adverbiais somente os chamados advérbios “puros”, como *cedo, tarde, ontem* etc.

Por fim, o sintagma verbal é aquele que tem por núcleo um verbo ou uma locução verbal e é considerado um dos elementos básicos da constituição da oração. Esse tipo de sintagma pode apresentar diversas configurações e vir acompanhado de outros sintagmas, sempre exercendo a mesma função, a de predicado. Observemos:

(9) *As frutas amadureceram.*

(10) *Os agricultores precisam de mais incentivos fiscais.*

(11) *A transportadora entregou a encomenda aos comerciantes.*

## A DECOMPOSIÇÃO DOS SINTAGMAS

Uma vez identificados e classificados, a autora propõe a decomposição dos sintagmas, visando à compreensão de fatos semânticos e ao domínio da estrutura da língua. Para tanto, o verbo deverá ser tomado como o núcleo da oração e, portanto, como ponto de referência. Assim:

(12) *Alguns artigos de primeira necessidade / sumiram / dos supermercados da cidade./*

SN

V

SP

O primeiro passo para a decomposição dos sintagmas seria a identificação dos sintagmas autônomos e seus constituintes.

1. *Alguns artigos de primeira necessidade*

Formação do SN: det. + núcleo subst. + SP (*alguns + artigos + de primeira necessidade*)

2. *dos supermercados da cidade*

Formação do SP: prep. [*de*] + SN (*supermercados da cidade*)

A seguir, a identificação dos sintagmas internos e seus constituintes.

1. *de primeira necessidade*

Formação do SP: prep. [*de*] + SN (modif. [*primeira*] + núcleo subst. [*necessidade*])

2. *da cidade*

Formação do SP: prep. [*de*] + det. [*a*] + núcleo subst. [*cidade*])

Desse modo, teríamos a seguinte visualização da decomposição:

*/Alguns artigos de primeira necessidade / sumiram / dos supermercados da cidade./*

Sintagma Nominal

Verbo

Sintagma Preposicionado

*/ Alguns - artigos - de primeira necessidade /*  
 determinante núcleo subst. sintagma preposicionado

*de primeira necessidade*  
 preposição sintagma nominal

*primeira necessidade*  
 modificador núcleo substantivo

*/ de os supermercados da cidade/*  
 preposição sintagma nominal

<i>os</i>	<i>supermercados</i>	<i>da cidade</i>
determinante	núcleo substantivo	sintagma preposicionado

<i>de</i>	<i>a cidade</i>
preposição	sintagma nominal

<i>a</i>	<i>cidade</i>
determinante	núcleo substantivo

### SUGESTÕES METODOLÓGICAS

Uma vez definida a abordagem teórica que Inez Sautchuk faz em sua obra e objetivando desautomatizar os exercícios que comumente se realizam em aulas de análise sintática do período simples no Ensino Fundamental, seguem algumas sugestões de como trabalhar pedagogicamente os sintagmas como blocos estruturadores da oração. Tais sugestões visam a colaborar com a capacidade de o aluno aprimorar sua produção textual, atentando para as construções frasais claras e eficientes para sua expressão.

Cumprido salientar que as atividades propostas pelo professor devem partir, preferencialmente, de textos já produzidos pelos alunos ou de enunciados que, no contexto de sala de aula, sejam significativos para os alunos, como, por exemplo, textos de diversos autores lidos e interpretados na rotina escolar.

1. Identificação de elementos nucleares e periféricos (determinantes, modificadores e intensificadores) em sintagmas de diversas naturezas. Aqui, o aluno será levado a perceber que substantivos, adjetivos e advérbios podem ser (in)determinados, modificados e/ou intensificados na presença de elementos que os acompanham.

Exemplos: a) *crianças* (núcleo substantivo) → ***algumas*** *crianças* (acréscimo de determinantes) → ***algumas crianças brasileiras*** (acréscimo de determinante e modificador)

b) *saudável* (núcleo adjetivo) → ***muito*** *saudável* (acréscimo de intensificador)

c) *tarde* (núcleo adverbial) → ***oportunamente*** *tarde* (acréscimo de modificador) → ***oportunamente muito*** *tarde* (acréscimo de modificador e intensificador)

Vale salientar a relevância do emprego desses elementos periféricos para tornar o texto mais expressivo, servindo, pois, de recursos estilísticos de inquestionável importância.

2. Identificação dos sintagmas autônomos da oração e reescritura da oração com novos arranjos. O aluno, nesse ponto, deverá ser capaz de perceber que a oração é composta de blocos significativos (sintagmas) que se deslocam de forma independente no eixo sintagmático da língua. Além disso, ao propor novos arranjos dessa mesma oração, deverá reconhecer padrões mais ou menos comuns na expressão formal ou informal da oralidade e da escrita.

Exemplo: *As sementes caíam no solo lentamente*. Sintagmas autônomos: *as sementes* (SN), *caíam* (V), *no solo* (SP), *lentamente* (S. adv.). Novos arranjos: SP + V + SN + S. adv. = *No solo, caíam as sementes lentamente*. S. adv. + SP + SN + V = *Lentamente, no solo, as sementes caíam*.

Reparar que os novos arranjos em ordem indireta podem revelar tom mais literário, de menor frequência na oralidade. Observar também que, muitas vezes, a opção pela ordem indireta se deve ao interesse em se manter o foco discursivo em determinado termo.

O professor deve, ainda, atentar para a oportunidade de abordar o emprego da vírgula, seguindo critérios sintáticos.

3. Identificação e classificação de sintagmas da oração. Esse tipo de atividade não deve ter um fim em si mesmo, o que incorreria em repetir aquilo que se faz com os tradicionais exercícios de sintaxe, interessados apenas na indicação da função sintática de determinados termos sublinhados. Na verdade, ao identificar os sintagmas autônomos de uma oração, o aluno já consegue observar seu elemento nuclear (substantivo, adjetivo, advérbio, verbo) ou sua introdução por

preposição e fazer sua devida classificação. A valia desse tipo de atividade consiste em, posteriormente, o aluno reconhecer que sintagmas nominais podem desempenhar a função de sujeito ou objeto direto, por exemplo, mas, não, de objeto indireto ou agente da passiva.

4. Reescritura de orações, reorganizando o posicionamento dos sintagmas, de modo a acabar com a ambiguidade de natureza sintática.

Exemplos: *Todos viram o incêndio da casa da fazenda.* → *Da casa da fazenda, todos viram o incêndio* ou *O incêndio da casa da fazenda todos viram.*

*Ele recebeu a notícia sobre o acidente em casa.* → *Em casa, ele recebeu a notícia sobre o acidente.*

Blocos significativos que são, os sintagmas podem contribuir para dotar a oração de clareza ou ambiguidade. Ao reescrever os enunciados, de modo a desfazer segundas interpretações, o aluno se dá conta da ordenação dos sintagmas como recurso para melhor expressão oral e escrita.

5. Identificação de sintagmas internos da oração. Ao identificar os sintagmas sem mobilidade independente no eixo sintagmático, o aluno será capaz de perceber que determinados elementos constitutivos do enunciado não podem ter sua ordem trocada, a menos que se comprometa a clareza da expressão.

Exemplo: *O intenso calor do Nordeste brasileiro favorecia o crescimento da plantação naquele início de janeiro.* Sintagmas internos: *do Nordeste brasileiro, da plantação, de janeiro.* Tais sintagmas internos se relacionam diretamente com os respectivos núcleos substantivos: *calor, crescimento e início.* Qualquer alteração na ordem acarreta mudança de sentido e conseqüente infidelidade ao que se propõe comunicar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmado anteriormente, o estudo tradicional da análise sintática do período simples, comumente, acaba por se revelar mecânico e pouco produtivo nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental. Cumpre acrescentar que tal estudo se dá quase sempre desvinculado da produção textual. Trabalhar com uma longa

nomenclatura e exercícios de mera classificação parece não contribuir muito para tornar o aluno melhor usuário da língua, isto é, competente no uso dos processos produtivos de enunciados claros, com vista ao exercício da cidadania e inserção no mercado de trabalho, como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento oficial que norteia, com orientações teóricas e metodológicas, o ensino de Língua Portuguesa.

Ao se valorizar o estudo dos sintagmas como propõe Inez Sautchuk, em *Prática de morfossintaxe - Como e por que aprender análise (morfo)sintática*, o que a autora pretende é ratificar o estudo da sintaxe como forma de tornar o aluno mais consciente dos processos que envolvem a construção das orações e, conseqüentemente, dos textos.

As sugestões metodológicas aqui apresentadas partem de um esforço no sentido de reafirmar a ideia de que as orações não são formadas por palavras puras e simples, mas por blocos significativos, os sintagmas. São estes que, efetivamente, fazem parte da estruturação dos enunciados produzidos pelo usuário da língua em seus processos de comunicação. Dessa forma, o estudo da sintaxe se volta para a produção textual, não se limitando a exercícios de classificação de termos.

Vale ressaltar que as presentes sugestões metodológicas, quando consideram o verbo o elemento nuclear de toda e qualquer oração, admitem que todo predicado é verbal, visão dissonante da classificação tradicional do predicado, a qual prevê a possibilidade de um nome ocupar a posição nuclear de um predicado, o chamado predicado nominal. Entretanto, a classificação dos sintagmas como nominais, adjetivais, adverbiais, verbais e preposicionados revela-se consoante às classificações propostas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), mantendo as distinções tradicionais entre substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e preposições como pertencentes a classes gramaticais diferentes, com traços ‘distintivos’ característicos.

O fundamental, nessa proposta de trabalho, é apontar um caminho que auxilie a resolver um dos problemas mais aflitivos da produção textual: a falta de clareza. Por meio do estudo efetivo da constituição das orações por meio dos sintagmas, a morfossintaxe retoma seu papel de eixo disciplinador da qualidade dos enunciados.

## REFERÊNCIAS

BUSSMANN, Hadumond. **Routledge Dictionary of Language and Linguistics**. London & New York: Routledge, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de Morfossintaxe - Como e por que aprender análise (morfo)sintática**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

**Como citar este artigo:**

CRUZ, Carlos Maurício da. *A análise morfossintática e o estudo dos sintagmas: sugestões metodológicas*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out - nov. 2014, pp. 399-413. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19estudos01.pdf>.

Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507